



Eurico Mendes

Sabia que até 1836 o Natal foi ilegal nos EUA?

“Em 1647, quando os puritanos na Inglaterra cortaram a cabeça do rei Carlos I e baniram o Natal, os puritanos da Nova Inglaterra seguiram o exemplo da metrópole. Em 1659, o Tribunal Geral da Colónia da Baía de Massachusetts determinou que “qualquer um que for encontrado observando um dia como o Natal ou algo semelhante, seja por abandono de trabalho, banquete ou qualquer outro meio” estava sujeito a multa de cinco xelins.”

Os puritanos Pilgrim Fathers que a 6 de setembro de 1620 partiram de Inglaterra no veleiro Mayflower e 66 dias depois desembarcaram nos areais do Cape Cod e fundaram a Colónia da Baía de Massachusetts, que viria a ser o embrião dos Estados Unidos, eram uns fanáticos chatos e nada democráticos. Vieram para a América fugindo a perseguições religiosas e tempos depois de cá estar perseguiram eles os que tinham outras crenças. Proibiam nomeadamente a observância do Natal alegando que Jesus Cristo nem sequer tinha nascido em 25 de dezembro.

Na verdade, os cristãos – cerca de 30% da humanidade – comemoram o aniversário de Cristo no dia 25 de dezembro, mas ninguém tem a mais vaga ideia de quando veio ao mundo e a Bíblia não faz nenhuma referência.

Os evangelhos não mencionam a data do nascimento de Jesus. Foi só no século 4 que o papa Júlio 1º estabeleceu o dia 25 de dezembro como o dia de Natal. A primeira menção a essa data como dia de Natal aparece num calendário romano do ano 336 depois de Cristo e, segundo estudiosos do assunto, a escolha foi talvez para coincidir com a Saturnália, as comenainas e outras folias com que os romanos celebravam o solstício de inverno.

Era uma tentativa de cristianizar as celebrações pagãs que já eram realizadas nessa época do ano. No ano de 529, o 25 de dezembro já havia se firmado como um feriado e, em 567, os 12 dias entre o 25 de Dezembro e o Dia de Reis – considerado o dia em que os reis magos chegaram até Jesus – eram feriados públicos.

O Natal não é apenas uma festa cristã. A celebração tem raízes no feriado judaico de Hanuká (festa de luzes celebrada ao longo de oito dias), nos festivais dos gregos antigos, nas crenças dos druidas (sacerdotes celtas) e nos costumes folclóricos europeus.

Mas pior do que as raízes pagãs, o que mais incomodava os puritanos é que as celebrações do Natal na Idade Média eram barulhentas e muito parecidas com o Carnaval, com foliões fantasiados indo de porta em porta a pedir comida e bebida.

Assim, em 1647, quando os puritanos na Inglaterra cortaram a cabeça do rei Carlos I e baniram o Natal, os puritanos da Nova Inglaterra seguiram o exemplo da metrópole. Em 1659, o Tribunal Geral da Colónia da Baía de Massachusetts determinou que “qualquer um que for encontrado observando um dia como o Natal ou algo semelhante, seja por abandono de trabalho, banquete ou qualquer outro meio” estava sujeito a multa de cinco xelins.

Mesmo após a comemoração pública do Natal ter sido novamente permitida na Inglaterra em 1660, a proibição manteve-se em Massachu-

setts até ser revogada em 1681 por um governador não-puritano, mas nessa altura o Natal estava praticamente esquecido.

Durante a Revolução Americana, os costumes ingleses caíram em desuso, incluindo o Natal. Mas os Estados Unidos já se tinham tornado uma mistura de diferentes culturas, os colonos de New York, Virgínia e Pensilvânia comemoravam o Natal com muitas festividades, geralmente apenas para adultos. Especialmente na Pensilvânia, que atraiu uma grande população alemã, o Natal era popular e foi na Pensilvânia que apareceram as primeiras árvores de Natal e os primeiros presépios.

Até mesmo em Massachusetts o Natal era celebrado em privado por famílias católicas, sobretudo nas localidades piscatórias longe do poder puritano de Boston, como Provincetown e New Bedford.

Após a independência, o Congresso nem se deu ao trabalho de proclamar o feriado e realizou a sua primeira sessão no dia de Natal de 1789. Mas à medida que o Natal voltou a popularizar-se, alguns estados declararam o dia de Natal feriado estadual. A Louisiana foi o primeiro em 1837. Em 1860, outros 14 estados tinham tomado a mesma medida, mas somente em 1870 o presidente Ulysses Grant fez do dia de Natal um feriado federal.

Então, como é que o Natal proscrito se tornou o Natal que temos hoje nos Estados Unidos? Graças aos imigrantes. A maior parte das tradições que constituem hoje um Natal americano foram trazidas pelos imigrantes, a começar pelos alemães nos anos 1700.

Aparentemente, os moravianos, alemães protestantes que chegaram em meados do final da década de 1700, foram os primeiros a montar árvores de Natal nos Estados Unidos, entre outras coisas. Em 1856, a prática das árvores de Natal já se havia tornado tão comum que o presidente Franklin Pierce ergueu uma na Casa Branca pela primeira vez.

Muitos americanos pensam que os imigrantes mergulham no caldeirão do melting pot e saem “americanos”, mas é uma versão simplificada da história do seu país. Na verdade os imigrantes também moldam a América com os seus costumes e um exemplo foi o Pai Natal, também conhecido como São Nicolau.

Nicolau existiu mesmo. Nasceu em Parara, na Ásia Menor (Turquia atual) por volta do ano 280 depois de Cristo e deu todas as suas riquezas herdadas ajudando as crianças, os pobres e doentes. Foi nomeado bispo de Myra, mas foi preso pelos romanos e morto por decapitação em 6 de dezembro de 343. Tempos depois foi canonizado e a data da sua morte é o dia de distribuição de brinquedos no Natal de alguns pa-

íses europeus.

São Nicolau entrou pela primeira vez na cultura popular americana no final do século 18 em New York e tornou-se especialmente importante na cidade por causa da sua história como colónia holandesa. A 6 de dezembro, muitos imigrantes holandeses em New York celebravam o aniversário da morte de Sint Nikolaas (holandês para São Nicolau), ou Sinter Klaas para abreviar.

Em 1809, o escritor Washington Irving publicou a sua História de New York, onde refere São Nicolau como santo padroeiro dos novaiorquinos e descreve-o gorducho usando um chapéu baixo, calças grandes e fumando cachimbo. Em 1881, o cartunista político Thomas Nast inspirou-se num poema de Clement Clark Moore escrito em 1822 (A Visit from St. Nicholas) e criou a figura icónica do Pai Natal de vermelho, barba branca e um saco de brinquedos num desenho publicado na edição de 1 de janeiro de 1863 da revista Harper's Weekly. Em 1931, a Coca Cola aproveitou a figura desenhada por Nast para uma campanha de publicidade e assim se popularizou o Pai Natal que hoje conhecemos. Ignorando as diferenças religiosas, sobre o significado do Natal, os americanos começaram a celebrar o Natal como um dia de paz centrado na família e combinando as tradições natalícias de muitos outros povos. Mas ainda hoje são visíveis em toda a parte as formas tradicionais dos imigrantes assinalarem a quadra natalícia e os americanos suecos realizam festivais de Santa Lúcia, celebrando a mártir que o marido cegou por preferir o cristianismo ao paganismo.

No Kansas (Lindsborg é conhecida como a capital sueca dos Estados Unidos) e outros estados com comunidades escandinavas, muitas famílias celebram todos os anos o dia de Santa Lúcia com costumes tradicionais ainda praticados no norte da Europa. A filha mais velha veste uma túnica branca e com uma coroa de velas (a sua aparência deve representar luz e esperança durante o Solstício de inverno) leva aos pais, no momento exato do amanhecer, uma bandeja com os rolinhos da Lucia, feitos de açafraão como o sol.

Outra tradição escandinava no Kansas é a confecção de miniaturas de Nisses, figuras representando duendes travessos e espíritos da natureza, e a feitura de crepes cónicos de manteiga. E no Delaware, as crianças de origem escandinava deixam leite para os Tomte na véspera de Natal. Trata-se de criaturas benevolentes que ajudam o Pai Natal a deixar os presentes para as crianças boas.

(Continua)